parte de investigadores de diversas nacionalidades, em torno dos problemas e processos interculturais nas culturas musicais destas regiões. Problema relativamente moderno nos estudos musicológicos, a metodologia e o enquadramento teóricos trazidos pela Etnomusicologia fazem dele um domínio fascinante e um valioso instrumento para a compreensão dos processos históricos que marcaram o Portugal moderno. O estudo dos processos de contacto cultural, bem como dos produtos dele resultantes, sublinha o estudo dos produtos musicais como objectos de processos tão humanos quanto, por exemplo, a comunicação intercultural. E relaciona-se com uma miríade de conhecimentos e disciplinas; os estudos patentes no livro levantam apenas uma ponta deste véu.¹

Esta obra incide também sobre um aspecto de demais importância no estudo da música em Portugal: os processos interculturais que a configuraram ao longo dos séculos. Os excessos fundamentalistas do nacionalismo, que tanto marcaram o pensamento dos séculos XIX e XX, deixaram em Portugal profundas e duradouras reminiscências. Veja-se a preocupação que, durante décadas, suscitou a definição musicológica de um idioma musical nacional, português, e também os esforços múltiplos para a sua construção. Os trabalhos incluídos neste livro demonstram uma faceta dos estudos da história da música que caracteriza não o isolacionismo, mas uma incorporação histórica dos esperáveis e inevitáveis processos de encontro intercultural (Nery,

Brito), que contribuíram para a configuração da música em Portugal tal como existiu e existe (veja-se, por exemplo, o estudo de Côrte-Real sobre a terminologia musical no século XVI).

Para quem queira reflectir com um pouco mais de profundidade sobre o problema dos processos transculturais na música, Dieter Christensen oferece um sintético e admirável enquadramento com o título «Esboços de Investigação». Dele sublinho a salutar preocupação com a importância das «premissas subjacentes à formulação de problemáticas» na investigação musicológica (p. 50), que tantas vezes ficam por explicitar.

Em conclusão, *Portugal e o Mundo*. O encontro de culturas na música é uma obra que vem preencher uma lacuna. E, mais do que isso, é um conjunto de trabalhos que sem dúvida contribuirá para o despertar de novas investigações – novas no objecto e novas na metodologia – no domínio das Ciências Musicais em Portugal.

JOÃO SOEIRO DE CARVALHO

A edição musical em Portugal nos anos 80-90

O panorama da edição musical em Portugal é o reflexo do panorama musical em si mesmo: se por um lado é frágil, por outro é persistente, recusa-se a desaparecer, e tenta acompanhar a vida cultural do país. Associado, desde o século XVIII, a iniciativas comerciais privadas, é já no século XX que se podem encontrar algumas realizações, por parte do Estado

1 É indispensável referir, aqui, a recente publicação de uma colecção de doze discos que se relaciona de perto com a temática deste livro. Trata-se da *Viagem dos Sons*, com a coordenação científica de Susana Sardo, e com a participação de uma dezena de etnomusicólogos portugueses e estrangeiros que publicam as suas gravações, documentadas, sobre a música em áreas de influência cultural portuguesa no Mundo: Timor, Macau, Sumatra, Sri-Lanka, Malaca, Damão, Diu, Cochim, Korlai, Goa, Moçambique, Cabo-Verde, São Tomé e Brasil (Tradisom, Pavilhão de Portugal-Expo 98).

ou de autarquias, representando estas, no entanto, uma percentagem mínima do movimento editorial musical.

Assim, desde o início deste século quase a terminar, podemos encontrar, a par das muitas edições dos sucessos musicais das revistas mais em voga, os exemplares da *Edição Clássica* da Casa Valentim de Carvalho que, se de «clássica» não têm muito, têm o valor de dar a público muitas obras importantes para o estudo do piano, nas quais se incluem obras de autores portugueses. Também as edições da Sasseti seguem essa linha, do que resulta um sem número de obras mais ou menos ligeiras para canto e piano ou para piano solo, continuando os executantes de outros instrumentos que quisessem ter acesso a música portuguesa a recorrer sobretudo a laboriosas cópias manuscritas.

No final da década de 50, e com uma forte incidência nas três décadas seguintes, surge a colecção *Portugalia Musica*, publicada pela Fundação Gulbenkian, com o imenso mérito de constituir «a» edição monumental da Música Portuguesa. Os grandes polifonistas, algumas obras orquestrais do barroco e música para tecla constituem o cerne desta colecção que, se tem visto reduzido o número de publicações novas, tem podido ver aumentar as reedições dos números esgotados dos seus 50 títulos.

Outros exemplos institucionais podem encontrar-se em publicações esporádicas do antigo IPPC (obras de João Domingos Bomtempo e Cláudio Carneiro), da Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Angra do Heroísmo (obras de Francisco de Lacerda), ou da Câmara Municipal de Cascais, Museu da Música Portuguesa, que publicou em 1995 o *Quarteto de cordas* de Luís Tinoco, Prémio Lopes-Graça de composição.

Projectos mais consistentes, tanto pelo número de obras publicadas como pelo

plano subjacente a essas publicações, são os apresentados pela Oficina Musical, no Porto, e pela Musicoteca, em Lisboa.

A Oficina Musical, instituição que comemorou em Maio de 1998 vinte anos de existência, tem como orientação primordial da sua diversificada actividade – concertos, concursos de composição, edição de livros, discos e partituras – a divulgação da música do século XX. Dentro destes princípios, o seu movimento editorial musical dedica-se quase exclusivamente à publicação de obras de compositores portugueses. E se inclui compositores já desaparecidos, como Fernando Lopes-Graça, e outros nascidos nos anos 30, como Clotilde Rosa e Filipe Pires, abre um claro espaço para a publicação de obras das gerações mais jovens.

Sem subsídios, a Oficina Musical apenas tem tido, até agora, o apoio da Sociedade de Autores e da Câmara Municipal de Matosinhos, tendo esta autarquia patrocinado a encomenda de uma obra, que resultou ser *Pirâmides de Cristal* (1994), para piano, de João Pedro Oliveira. Mas está previsto o estabelecer de uma parceria com uma fundação do Norte, como esclareceu Álvaro Salazar, director da Oficina desde a sua criação e responsável pela escolha das obras a editar, a qual depende do critério de qualidade por ele definido. Desde o início dos anos 80 foram publicados dez títulos de sete autores, com a particularidade de as obras serem para instrumentos a solo (flauta, clarinete, violino, viola, violoncelo e piano) e só uma ser para um trio de clarinetes. Mas as dez obras que se encontram em tipografia vêm modificar essa situação: são maioritariamente para conjunto instrumental, incluindo o *Nocturno no cabo do mundo*, para três pianos, de Jorge Peixinho, e duas obras do compositor espanhol Ramón Barce, uma dedicada à

Oficina Musical e a outra ao seu director. Da apreciação directa dos materiais salienta-se a clara identificação do autor e do nome da obra; também a clara identificação da colecção, pela cor da capa e pelo símbolo gráfico sempre apresentado, a excelente qualidade do papel e da paginação, e a inclusão da duração na quase totalidade das obras, aspecto importante a ter em conta na elaboração de um programa. Faltam talvez notas complementares, tanto sobre os compositores como sobre as obras.

As tiragens iniciais foram de 2.000 exemplares; para evitar o problema da acumulação em depósito, Álvaro Salazar opta agora por tiragens de 500 exemplares, com desdobramentos da edição quando ela é toda vendida. Os preços oscilam entre os 1.000\$00 e os 1.700\$00 escudos. Das primeiras obras editadas esgotaram os *Dois Movimentos* para flauta de Fernando Lopes-Graça, que vão ser reeditados.

Para divulgação das edições a nível internacional o director da Oficina Musical tem optado pelo envio das obras a professores e executantes de nomeada, esperando assim criar o interesse pelo conhecimento de mais obras de autores portugueses, e pensando também que esse modo de divulgação será mais eficaz do que o de enviar as obras para editoras, ou para lojas onde ficariam perdidas no meio de muitas outras.

Não são muito diferentes as características do projecto apresentado pela Musicoteca. Mais comercial, com a apresentação de um catálogo e de uma lista de preços, que não sofreu alteração, nem a prevê, desde 1997, mantém a mesma linha de se dedicar exclusivamente à publicação de autores portugueses, ou de autores estrangeiros radicados há tanto tempo em Portugal que já são considerados «nacionais».

O referido catálogo apresenta uma lista de cerca de 75 títulos, os quais ainda não

estão todos publicados. Inclui obras para vários instrumentos a solo, para agrupamentos de câmara e para coro, e partituras de obras orquestrais de João Domingos Bomtempo, que incluem a redução para piano do Requiem, op. 23. Abrange compositores dos séculos XVIII, XIX e XX. Apresenta ainda uma lista de 48 obras em aluguer, ainda não disponível na sua totalidade, e que inclui peças para orquestra ou conjuntos instrumentais, voz ou instrumento solista com orquestra ou conjunto instrumental, ópera e bailado.

Salienta-se aqui:

- a diversidade dos materiais apresentados: a colecção inclui obras para piano, cravo, guitarra, percussão; violino, viola e violoncelo; flauta, clarinete, música de câmara; canto, coro;

- a inclusão da duração de cada obra, bem como o efectivo instrumental das obras em aluguer;

- a criação da Colecção XX-XXI, dedicada especialmente aos compositores contemporâneos portugueses;

- o facto de o trabalho de edição ter sido entregue a intérpretes que, em vários casos, realizaram as primeiras audições, em contacto directo com os compositores;

- a utilização de uma capa própria para cada autor, caracterizada por vezes pela reprodução de pormenores de obras de artistas plásticos, como é o caso das gravuras de Vieira da Silva na capa das obras de Fernando Lopes-Graça, bem como a claríssima identificação de cada obra (o que não é o caso na já referida colecção *Portugaliae Musica*, na qual as letras douradas sobre fundo castanho obrigam a um esforço de decifração; este aspecto negativo está a ser ultrapassado nas reedições).

Outros aspectos parecem-me excessivos, tais como os textos em cinco línguas, a saber, português, inglês, francês, alemão e italiano, o pequeno ramo de tojo na capa

da obra *Tojo*, de Amílcar Vasques Dias, ou a assinatura de António Saiote entrelaçada num clarinete na capa da obra *Langará*, de Alexandre Delgado; ou lacunares, tais como a ausência de qualquer nota sobre os compositores mais jovens. Por vezes a paginação não é a mais cómoda para o executante, o que pode levar à necessidade da «terrível praga» das fotocópias, e em algumas obras a qualidade da impressão não é a melhor. Mas o resultado final é francamente positivo.

As tiragens oscilam entre os 500 exemplares da colecção XX-XXI e os 1.000 exemplares da série regular; algumas obras são patrocinadas, e os preços oscilam, na tabela que acompanha o catálogo, entre os 600\$00 e os 5.200\$00. Se por enquanto não foi publicada qualquer obra com o preço mais alto, também não foi aplicado o preço mais baixo.

Desta apreciação creio poder-se concluir que o saldo é muito positivo: embora frágil, o movimento editorial musical em Portugal tende a afirmar-se, facultando ao público em geral e aos especialistas o acesso a obras do passado e do presente e dando aos jovens compositores a hipótese de verem as suas obras publicadas e divulgadas.

CATARINA LATINO